

MÚSICA

OSPA vai tocar em homenagem aos policiais

Na próxima terça-feira, às 21h, no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre realiza a primeira apresentação da Temporada Oficial de 1980, tendo seu maestro titular, David Machado, no comando da orquestra e contando com o pianista carioca Arnelo Cohen como principal solista. Paralelamente, a OSPA associa-se às comemorações do Dia de Polícia (que transcorre no dia 21) e dedica este concerto aos servidores da Secretaria de Segurança, que terão entrada franca, assim como estudantes, professores e os sócios da Fundação. O público em geral pode retirar seus ingressos na bilheteria por Cr\$ 120,00.

Para a abertura da sua temporada oficial, a Ospa preparou um programa com três peças de estilos bastante distintos e característicos. Inicialmente, a **Abertura Fantástica** do modernista brasileiro Camargo Guarnieri. Com solo de Cohen, o **Concerto número 3** de Beethoven e, no encerramento, a **Sinfonia Fantástica** de Berlioz.

TEATRO

No Presidente um sucesso de Millôr

No Teatro Presidente continua a temporada de "E..." de Millôr Fernandes, que deverá se estender até meados de maio. Estreada por Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, que já realizaram mais de 1000 apresentações da peça "E..." recebeu os elogios unânimes do público e da crítica do centro do país. Nesta sua primeira excursão fora do eixo Rio-São Paulo, entretanto, alguns têm apontado certo cansaço na montagem, o que lhe tiraria parte da força. De qualquer maneira, dado a importância do texto, "E..." merece ser visto e discutido. Análise da problemática do relacionamento homem/mulher em nossos tempos, "E..." está em cartaz no Teatro Presidente, de terça a domingo, com espetáculos sempre às 21 horas. Devido a grande procura de ingressos, a direção do teatro está recomendando que os mesmos sejam retirados na bilheteria com certa antecedência, evitando atropelos.

AUDIOVISUAL

No Studio um trabalho sobre o Tahiti

O antigo fascínio exercido pelas ilhas do Pacífico Sul, em especial o Tahiti, é o tema explorado por Flávio Del Meire em seu novo audiovisual, com que renicia as atividades de seu "Studio", a única casa de projeções de Porto Alegre construída especialmente para a exibição de audiovisuais. Mostrando aspectos típicos, folclóricos e culturais do Tahiti, o audiovisual dá uma visão panorâmica deste "quêilago que sempre existiu a imaginação dos povos do ocidente. "Tahiti" é apresentado diariamente, de quinta a domingos, às 21 horas, sendo que hoje haverá também uma matinê às 16 horas. O "Studio" fica na José do Patrocínio, n.º 700, e tem programação para depois da temporada de "Tahiti" a exibição de um novo trabalho realizado por Flávio na Ilha da Páscoa, resultado de uma viagem concretizada no último verão até o mais longínquo ponto de "nuestra América".

LITERATURA

Lançamento de tese sobre as vanguardas

Impressões de Viagem, a prestigiada tese de mestrado de Heloisa Buarque de Hollanda (filha de Sérgio Buarque, irmã de Chico) acaba de ser nacionalmente lançada pela Editora Brasiliense. Diferenciando-se da maioria das obras do gênero (teses acadêmicas), esta obra tem uma forma discursiva acessível à maioria dos leitores comuns e tenta uma análise e interpretação da criação literária brasileira nas duas últimas décadas, incluindo vários anexos com manifestos e textos originais. Heloisa Buarque de Hollanda estuda a estética engajada do CPC (Centro Populares de Cultura, dos anos 60), a sua suposta contrapartida, as vanguardas experimentais (Plex, Praxis, Concretismo, Veredas) e sua conexão e desdobramento da chamada "geração mimógrato" da década de 70. O prefácio é de Francisco Alvim e preço de capa, Cr\$ 250,00.

Tikuna:

Vida e arte de uma aldeia indígena da Amazônia

Três temporadas de convivência com os índios Tikuna, no Alto Solimões, deram à Jussara Grüber condições de desenvolver uma pesquisa que pudesse mostrar um pouco da trajetória da sua vida artístico-cultural. Ela conviveu com os índios, participando do seu cotidiano, integrando-se à sua sobrevivência, aproximando-se da sua arte de maneira natural e instintiva. E não pegando o índio como objeto de estudo. Jussara Grüber é uma artista plástica conhecida, mas nos últimos anos se tem afastado desse trabalho para dedicar-se à educação e ao estudo dos índios Tikuna. A exposição que estará na Pinacoteca da APLUB, a partir de quarta-feira, é parte dessas atividades, onde transparece o seu grande coração e a sensibilidade do verdadeiro artista.

LUIZ DE MIRANDA

PRIMEIRO CONTATO E INTERESSE

O primeiro contato de Jussara com os Tikuna aconteceu em fevereiro e março de 1977, quando estava na região, vinculada num projeto de educação para a formação de professores rurais, organizado pelo Campus Avançado da PUC, no município de Benjamin Constant.

Entre os professores haviam índios Tikuna e no segundo mês, durante o trabalho de supervisão das escolas, conheci várias aldeias e descobri um rico material para ser estudado. Mais tarde, constatei que o único trabalho etnográfico sobre os Tikuna foi feito por Curt Nimuendajú, em viagens à região, em 1929, 1942 e 1945. O seu livro "The Tikuna" foi editado pela University of California e além dos exemplares serem raros no Brasil, não houve ainda interesse em traduzi-lo para o português. Achei, então, que seria importante registrar uma cultura que está se esvaziando graças a nós brasileiros e "civilizados", que não nos damos conta nem da própria aculturação que estamos sofrendo. Certamente não podemos ser ríscios à preservação da cultura dos primitivos habitantes de nossa terra. Assim, além de outras coisas, vamos perdendo ou esquecendo a nossa cultura de base.

NÃO É OBJETO DE ESTUDO

Para consolidar este trabalho, Jussara Grüber pretende englobá-lo em forma de livro, com o espírito de colaborar para que a cultura Tikuna não seja apagada pelo avanço desolador da "civilização branca".

Quando penso em livro, falo de fazer alguma coisa em favor dessa cultura. Mas vai ser uma coisa que tenha uma visão de dentro para fora, feito em parceria com os índios, para devolver-lhes um pouco do que é seu. Comecei as pesquisas com escassos conhecimentos de antropologia, pois minha formação foi no campo das artes visuais. Para começar, acho que isso me ajudou. Cheguei lá sem aquela carga teórica comum a alguns pesquisadores, que vêem o índio simplesmente como objeto de estudo. Convivi com os Tikuna. Criei vínculo de amizade e confiança. Aprendi a fazer e a ser muitas coisas, participando das atividades do cotidiano. Usando muito mais a minha intuição. Porque lá no mato,



O rosto de Ermenegilda estampa o passado de uma raça

a gente percebe que temos mais conhecimentos inatos adquiridos às custas da "civilização" e "evolução" do que imaginávamos. A gente vê aquela "tralha" inútil nos tempos dentro da cabeça.

Tentei entendê-los na sua individualidade, com respeito à personalidade de cada um, me interessando pelo seu mundo particular, suas doencas, tristezas e alegrias. Enfatizo isto, pois me parece que o índio é visto sempre em forma generalizada, como se fosse uma espécie de planta ou inseto. São gente, ora, com fraquezas, bondade, maldade, esperança, crenças e descrenças. E preciso desmitificar essa ideia romântica e paternalista. Suas potencialidades poderão se impor e reagir, se lhes dermos o espaço físico e cultural de que necessitam.

AS ESTRADAS SÃO OS RIOS

Na Amazônia as distâncias são ainda maiores, principalmente, em decorrência dos meios de transportes. O que

fiz as viagens uma densa e fascinante aventura, usando os rios como caminho, Jussara conta um pouco dessas viagens no meio da sêva.

As estradas são os rios e os igarapés. Fazia minhas viagens tanto de canoa à remo como nas embarcações coletivas que fazem o trajeto Benjamin Constant-Manaus, ou como me aconteceu muitas vezes, nos barcos cargueiros. Lá, o transporte geralmente é um problema, pois as distâncias são grandes e é preciso estar sempre atenta à passagem de embarcações para uma possível carena. As vezes levava quase dois dias para chegar numa determinada aldeia, isso quando descia o rio, pois a volta sempre duplicava o tempo. De fato, as aventuras das viagens são um capítulo à parte nas minhas experiências de Alto Solimões. O perigo que a gente se expunha viajando um dia inteiro nas canoas, num contato direto e concreto com a natureza e toda a sua selvageria era fascinante e embriagador que até nos esquecíamos realmente do perigo. Agora, aqui, distante é que vejo por quan-

rial rico em forma e conteúdo simbólico. Além disso, consta na exposição desenhos de crianças, jovens e adultos, que funcionam como reforço de sua cosmologia. Como recurso básico de documentário, usei a fotografia. Desta forma, registrei as seqüências de fabricação das peças, desde a aquisição da matéria-prima até a utilização das mesmas.

O ESTADO NÃO AJUDA

Esta exposição só foi possível realizar-se porque a APLUB financiou o transporte das peças da Amazônia. Pois as instituições culturais do Estado várias vezes procuradas por Jussara desinteressaram-se de qualquer tipo de ajuda, a que vem a evidenciar mais uma vez a situação inadequada dos poderes culturais em nosso Estado. Quanto ao trabalho artesanal dos Tikuna, apesar de todas as mudanças motivadas pelo contato com "civilização", continua mantendo a sua genuidade.

As mudanças em decorrência do contato com a nossa sociedade não tocam em algumas áreas estratégicas de sua cultura. Entra aí o artesanato, que apesar de certas peças serem feitas exclusivamente para o comércio, continua mantendo as técnicas tradicionais de fabricação assim como a matéria-prima utilizada. Nas aldeias mais afastadas das sedes dos municípios ou nos agrupamentos situados nos igarapés, pode-se encontrar peças genuínas, principalmente as que se referem às cerimônias de iniciação.

DIVISÃO DO TRABALHO

Os homens são encarregados da fabricação dos arcos, flechas, canoas, remos e das tarefas mais criativas, como a feitura da maioria dos objetos usados nos rituais. As mulheres cabe atividades mais repetitivas e ligadas ao trabalho e uso doméstico como a cerâmica, os trançados, a tecelagem. O mito da criação dos Tikuna descreve essa divisão sexual das atribuições. "Dyo'i e E'pi" nasceram dos joelhos direito e esquerdo de "Nu'tapá" (seu pai) respectivamente e cada um tinha uma irmã. Um deles fazia uma zarabatana e outro um arco e uma flecha. Os irmãos, uma trançava um cesto e a outra tecia uma bolsa. Estes objetos simbolizariam as atividades cotidianas do homem e da mulher e seriam identificados como sinais do que pertence ao masculino e ao feminino.

A CRIAÇÃO É PRÁTICA

Toda a criação indígena está em harmonia com seu meio ambiente, de onde retirando os elementos da matéria-prima e a linguagem.

decem a padrões prescritos pela cultura e geralmente tem uma finalidade prática. Um pote de argila, usado para bebidas, por exemplo, precisa ter determinada conformação, senão não poderá cumprir com a sua função de destilar a massa da macaxeira, cujo processo é bastante complexo. A preservação da tecnologia se estende às demais criações, principalmente às peças utilizadas nos rituais e no trabalho, estando sempre associadas à uma mesma função, conferindo, assim, um conservadorismo evidente. Desta maneira, arte e vida se confundem. Todos são capazes de ter os comportamentos culturalmente prescritos, inclusive os artísticos. Desde a infância a criança aprende de maneira informal o domínio dos conhecimentos que correspondem ao seu sexo. Com uma convivência mais intensa pode-se observar que alguns desenvolvem um gosto especial por determinados objetos e se especializam neles. Seu Oscar, por exemplo, confecciona os melhores remos. Dona Miguelina é quem faz bonitas peneiras e assim por diante.

MESMO VALOR

O difícil caminho da avaliação estética entre os índios se torna simples, pois para eles todos os objetos tem o mesmo valor, desde que executem com eficácia que sua função prática.

Depois de um tempo, comecei a achar meio ridículo o fato de receber esta ou aquela peça por achá-la mais "artística", dentro dos meus padrões. Para eles, tudo o que fazem tem a mesma importância, desde que esteja tecnicamente bem elaborado. Um cesto é muito belo se o trançado está firme, com bom acabamento, respeitando os padrões decorativos tradicionais. As criações neste sentido são voltadas para a perfeição formal, cuja fabricação ou simples apreciação nos dá orgulho e prazer.

Darcy Ribeiro, exemplifica Jussara, diz que "o artista índio não se sabe artista, nem a comunidade para o qual ele cria sabe o que significa isto que nós consideramos objeto artístico. O criador indígena é tão somente um homem igual aos outros, obrigado como todos nós, às tarefas de subsistência da família, de participação nas durezas e nas alegrias da vida e do desempenho dos papéis sociais prescritos de membro da comunidade. É, porém, um homem mais inteiro, porque além de fazer o que todos fazem, faz algumas coisas notadamente melhor que outros".



Máscara ritual para festa



Jussara com seus amigos durante um ajuri, ou seja, mutirão



Mãe e filho vão ao rio buscar peixes